

“Em agosto nos vemos” (Record, R\$ 59,90), a novela publicada dez anos após a morte de Gabriel García Márquez, traz a sensação de que algo ficou faltando na história. O livro fecharia a trilogia sobre o amor, que inclui os romances “Do amor e outros demônios” e “Memória de minhas putas tristes”, mas o escritor desistiu de publicá-lo. Mesmo assim, a família decidiu lançar a história de Ana, uma mulher casada que todos os anos vai a uma ilha visitar o túmulo da mãe, e passa, na meia-idade, a ter envolvimento sexual com desconhecidos. Inacabado ou deixado de lado, “Em agosto nos vemos” é uma oportunidade para voltar a Gabo, um grande contador de histórias, que melhor soube explorar o misticismo latino-americano com um olhar jornalístico e cinematográfico, faz da leitura bem mais do que divertimento.

A consagração do prestígio internacional da argentina Claudia Piñeiro, em 2022, quando a tradução para o inglês de um de seus romances, “Elena sabe” (Morro Branco, R\$ 54,90) foi indicada para o Booker Prize, levou ao lançamento tardio desse título e de “Catedrais” (Primavera Editorial, R\$ 59,90) no Brasil. “Elena”, uma novela de construção sólida e lenta, mostra uma mãe idosa, incomformada com o laudo de suicídio da filha, com quem manteve uma relação de animosidade constante e companheirismo ao longo de anos. Em “Catedrais”, investigações policiais concluem que uma jovem foi estuprada antes de ter o corpo desmembrado numa madrugada. Trinta anos mais tarde, a realidade surge através das lembranças da família, tão dilacerada quanto a moça. Com cinco narradores, a trama vai ao passado buscar respostas para conflitos que perduram no presente. Lançados com um intervalo de catorze anos, os dois livros discutem a condição feminina em um país de tradição católica, mostrando as contradições da fé e da realidade e o quanto a religiosidade fanática está mais relacionada ao controle social do que à libertação espiritual, temas recorrentes de Claudia Piñeiro, hoje a terceira autora mais traduzida da Argentina, ficando atrás de Jorge Luiz Borges e Julio Cortazar.

Correspondente de guerra e especialista em direitos humanos, a jornalista italiana Francesca Borri foi às Ilhas Maldivas, em 2016, para entender por que o país era o maior fornecedor de voluntários estrangeiros para grupos de guerrilheiros islâmicos. “Que paraíso é esse? Entre os jihadistas das Maldivas” (Ayiné, R\$ 30) descreve um país dividido: algumas ilhas do arquipélago abrigam resorts luxuosos onde a população local pode trabalhar, mas nunca frequentar. O turismo é a maior fonte de renda nas Maldivas, porém



as condições de trabalho não conferem boa qualidade de vida aos empregados, que passam meses fora de casa, sem folga. Na capital Malé moram 120 mil dos 350 mil habitantes do país, sujeitos às regras extremamente restritivas de um Estado teocrático, enquanto os turistas têm direito a manter seus hábitos de consumo de álcool ou uso de roupas de banho exíguas, proibidos às mulheres muçulmanas. A ambição de boa parte dos homens jovens é migrar para a Síria e entrar nas forças de combate. “Nas Maldivas todo mundo tem

um irmão, um primo, um amigo na Síria”, diz Francesca, que conversou com chefes de gangues, estrangeiros donos das pousadas que recebem (poucos) mochileiros, traficantes e empregados de resorts, com um olhar receptivo às diferenças culturais.

Passados treze anos desde a publicação de “A amiga genial”, a chamada Febre Ferrante não se esgotou. Uma preciosidade para os admiradores da autora é “Para além das margens – A Itália de Elena Ferrante” (Bazar do Tempo, R\$ 84,90), de Isabela Discaccia-

ti, jornalista mineira especialista em Cultura Italiana, que percorre os cenários dos quatro livros – Nápoles, Pisa, Florença, Ischia –, discorrendo sobre personagens, lugares e enredos criados por Ferrante. A Tetralogia cobre um período de quase 60 anos na vida das duas amigas, e Isabela busca esses traços na Itália atual. O bairro napolitano onde foi filmada a série recebeu imensos pôsteres reproduzindo imagens das atrizes e de cenas da adaptação televisiva. O sucesso dos livros e, principalmente, da minissérie tornaram a região periférica uma atração turística. Esse poder transformador da literatura é a base da história de Lenu e Lila, as amigas que trilham caminhos diferentes para sair da pobreza.

Todas as pessoas boas daqui (Faro Editorial, R\$ 55,90), da norte-americana Ashley Flowers, segue a fórmula consagrada de emaranhar ações do presente com o passado para desvendar um crime, no caso, o desaparecimento de uma criança, muito semelhante ao que aconteceu com uma menina, vinte anos antes. Uma jornalista desempregada começa a investigar os dois casos até um desfecho surpreendente para um romance de estreia.

Autor de sete thrillers de excelentes vendas nos Estados Unidos, Riley Sager cria uma ambientação que remonta a cenários criados pelas inglesas Daphne du Maurier e Agatha Christie em O massacre da família Hope (Intrínseca, R\$ 69,90), um vira-página hipnotizante. Lenora Hope é a única sobrevivente de uma chacina que matou toda sua família, em 1929. Passados quase sessenta anos, uma jovem é contratada para cuidar da idosa, inválida e muda Lenora, que ainda vive na mansão onde ocorreram os crimes, com alguns empregados. A casa, construída em cima de um penhasco, está com as estruturas abaladas, e dependendo do vento, oscila, ameaçando desabar no mar. Enquanto sobrevive às ameaças de destruição da casa, a jovem cuidadora quer descobrir quem cometeu realmente os assassinatos da família Hope.

A escritora Ana Kiffer também se volta para a tensão enfrentada por sua mãe, Cléa, presa, em 1968, por militares que procuravam seu marido, o deputado João Kiffer Neto. O tocante “No muro de nossa casa” (Bazar do Tempo, R\$ 47,20) acompanha a detenção de Cléa, mãe de duas crianças, grávida (de Ana). O muro da casa da família, em Niterói, amanhece pichado com inscrições de que ali morava um comunista – como eram identificados quase todos os adversários ao regime antidemocrático, então. A pichação anônima não apenas expõe a militância de Kiffer Netto – que, cassado, voltou a trabalhar como psiquiatra –, mas a intimidade da família para toda a vizinhança.